



**HAL**  
open science

# Homenagem a Gilberto Mendonça Teles para os seus 90 anos

Catherine Dumas

► **To cite this version:**

Catherine Dumas. Homenagem a Gilberto Mendonça Teles para os seus 90 anos. Guará. Revista de linguagem e literatura, 2023, 10.18224/gua.v11i2.12828 . hal-03991399

**HAL Id: hal-03991399**

**<https://univ-sorbonne-nouvelle.hal.science/hal-03991399v1>**

Submitted on 5 Oct 2024

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution - NonCommercial - NoDerivatives 4.0 International License

# HOMENAGEM A GILBERTO MENDONÇA TELES PARA OS SEUS 90 ANOS\*



DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/gua.v11i2.12828>

Catherine Dumas\*\*

**A**diantando-me uns dias, queria dar os parabéns ao poeta pelos seus 90 anos e oferecer-lhe este testemunho de amizade, uma fantasia, pequena montagem de citações de seus poemas. É, em certa medida, uma forma de retribuir o presente ímpar que você me fez, Gilberto, quando me perguntou, há já alguns anos, se queria traduzir a sua poesia para o francês. E quando, um pouco mais tarde, me levou a Goiânia para descobrir a sua terra natal.

Portanto, vou falar de amizade, esse movimento que aproxima dois seres e, para citar Maurice Blanchot no fim do seu livro intitulado *L'amitié – A amizade* –, “[...] aquela relação sem dependência, sem episódios e na qual entra [...] toda a simplicidade da vida, [que] passa pelo reconhecimento da estranheza comum que não nos permite falar de nossos amigos, mas sim falar com eles”. E o pensador francês explicita a seguir esse “movimento do entendimento no qual, ao falar conosco, eles [os amigos], reservam, mesmo na máxima familiaridade, a distância infinita, essa separação fundamental a partir da qual aquilo que separa se faz relação”. Blanchot usa a imagem das margens para situar a fala entre amigos, “palavras de uma margem para outra margem”. A amizade faz com que desapareça “tudo o que separa” em prol do “entendimento sempre sustentado da afirmação amigável”.<sup>1</sup>

Acontece que estas palavras de Blanchot, escritas em memória do seu falecido amigo Georges Bataille, me oferecem balizas para uma rápida revisitação da poesia de Gilberto.

Primeiro, a amizade como “relação” que implica um “movimento” para o outro, um deslocamento, no espaço e no tempo, quer dizer, um percurso vivencial. É o que se pode ler nestes três poemas:

\* Recebido em: 06.11.2022. Aprovado em: 13.11.2022.

\*\* Professora emérita da Universidade Sorbonne Nouvelle - Paris. *E-mail*: [cat.dumas.portugal@gmail.com](mailto:cat.dumas.portugal@gmail.com)

1 Maurice Blanchot. *L'amitié*. Paris: nrf Gallimard, 1971, p. 328-329. Tradução minha.

1. “Amigos”, quinto poema da série de *Saciologia Goiana*, “Anapolinas”, que o autor chama de “autobiografia”:

*Amigos*

*Ia sempre a Anápolis  
em visita a tia na praça de Sant’Anna;  
com o tempo, passou a visitar  
os amigos escritores: João Luiz,  
Ursulino, o Dr. Paulo e o Moacyr Salles  
Que saudou na sua Alvorada.*

*Hoje vai de vez em quando  
ver o Paulo Nunes Batista,  
a Natalina, o Roberto Brenem  
e até a moça que frustrou  
o seu sonho de amor em Pirenópolis.*

2. “Visita”, de *Álibis*. Neste caso, a viagem é mais longa e o deslocamento tanto é geográfico (a cidade de Gent, na Flândria) como linguístico.

*Visita*

*Em Gent, no velho «cais de madeira»,  
o meu amigo Jean Douliez  
vai matando a saudade brasileira  
do Saci Pererê.*

*Na sua casa cheia de notas,  
de tantos sonhos musicais,  
vou escutando coisas remotas  
dos velhos tempos de Goiás*

*De vez em quando D. Yolanda  
nos cantarola uma canção  
e o som lava – pura lavanda –  
toda a tristeza do coração.*

*Ouço flamengo, gaguejo termos  
e tento dar ao Thomas o perfil  
não da poesia, mas dos meus ermos  
na Flândria e no Brasil.*

3. “Língua”, de *Plural de Nuvens*. Vimos em “Visita” como a língua, o flamengo neste caso, pode ser um motivo de separação entre amigos, de tensão e de disforia. No poema, vence, embalada pelas canções de D. Yolanda, acabando por juntar os dois amigos numas falas confissionais. Quis, portanto, ressaltar este poema que diz como a poesia se religa à vida, através da língua:

### ***Língua***

*Esta língua é como um elástico  
que espicharam pelo mundo.*

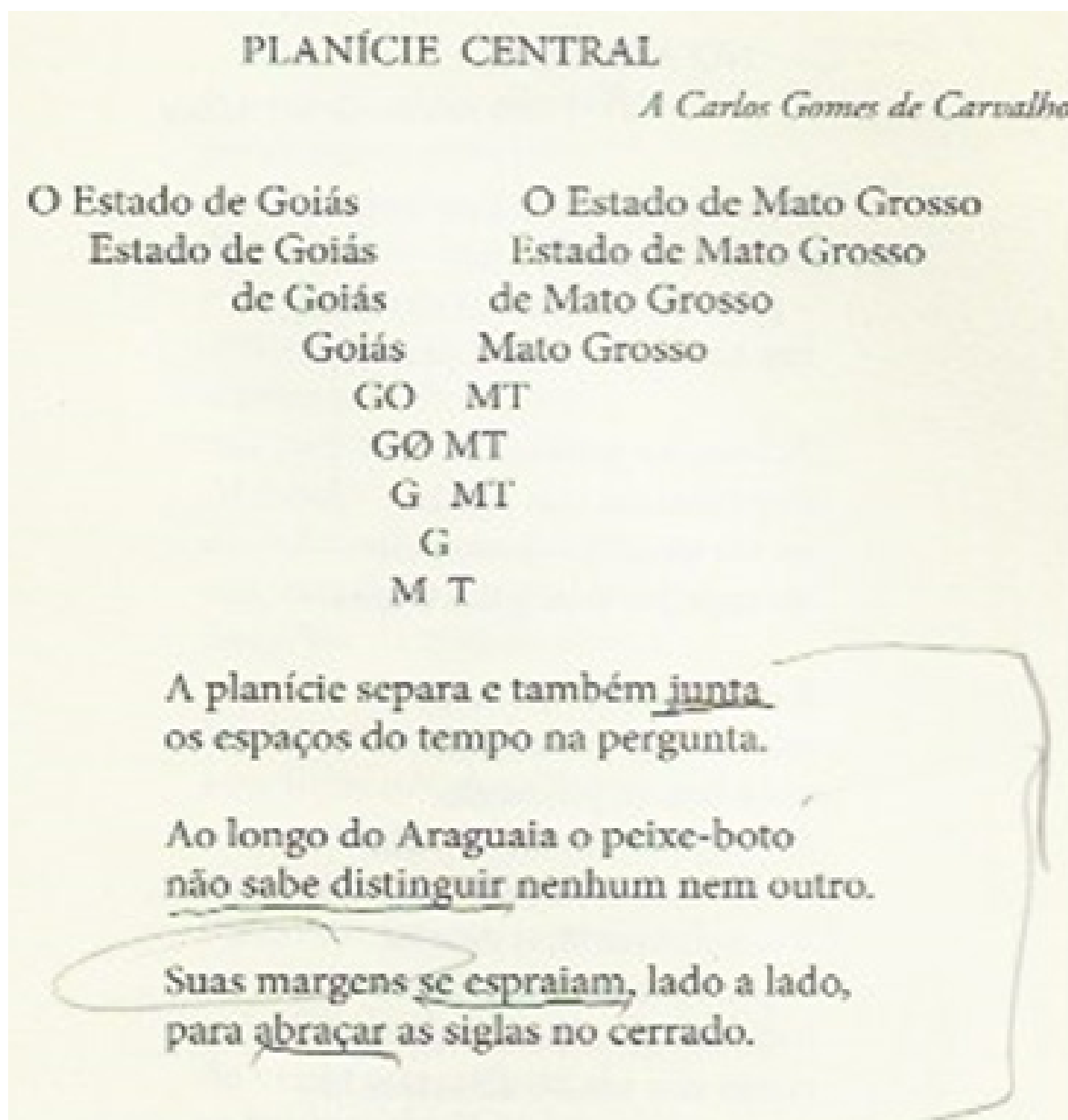
*No início era tensa,  
de tão clássica.  
Com o tempo, se foi amaciando,  
foi-se tornando romântica,  
incorporando os termos nativos  
e amolecendo nas folhas de bananeira  
as expressões mais sisudas.*

*Um elástico que já não se pode  
mais trocar, de tão gasto;  
nem se arrebenta mais, de tão forte.*

*Um elástico assim como é a vida  
que nunca volta ao ponto de partida.*

Regresso agora ao texto de Blanchot para pegar na imagem das “margens”: “palavras de uma margem para a outra margem”. Mais quatro poemas, entre tantos outros, a falar de rios:

4. “Planície central” do conjunto “Árvore do Cerrado” em *Linear G*.



Aquilo que separa, no poema reúne. Na primeira parte visual, à medida que vão desfilando os versos, desaparece o abismo entre “O Estado de Goiás” e “O Estado de Mato Grosso”. Desaparecem as letras que separam, de um verso para outro e ficam as iniciais do poeta, GMT (Goiás Mato Grosso), agente da reunião numa auto-identificação do sujeito aos rios da sua terra. A reunião acaba por produzir um poema que conjuga os verbos da junção.

5. “Hidrografia”, de *Saciologia Goiana*, reforça a ideia de auto-identificação do sujeito lírico com os rios de Goiás. Evidencia-se logo nas duas primeiras estrofes:

*Os rios de Goiás, além de rios  
de verdade, têm peixes, bichos, lendas.  
Têm várzeas e vãos e seus resfrios  
no fundo dos gerais e das fazendas.*

*Neles me batizei, levei meu couro,  
aprendi a nadar e, bem menino,  
fui-me encontrando neles, no tesouro  
que imaginava haver no meu destino.*

6. Em “O rio”, Gilberto deriva a palavra “imagem” para criar um neologismo: “imargens”. Acontece na segunda estrofe:

*Primeiro, foi o Meia-Ponte de Bela Vista  
e seu obscuro pontilhão na travessia.  
Mais tarde, o Meia-Ponte de Braz Abrantes  
e sua festa de imargens nos banhos e brinquedos.  
Depois, o Meia-Ponte dos arredores de Inhumas:  
seu tempo de pescaria, de brigas e de brumas.*

7. Com “Por vales e planícies”, de “Poemas da Bretanha”, em *Álibis*, o poeta viaja até França, evocando os rios de lá. Só citarei o começo e o fim deste poema em prosa:

*Há mesmo alguma coisa feminina nas águas desses rios franceses, algo que vem da fonte dos seus nomes, que atravessas noturno a paisagem gaulesa e se revela charmoso nas vogais de la Seine, la Loire e la Dordogne.*

[...]

*À noite, os eus cusos se voltam para dentro das sombras, nos castelos, fluindo em vertical e entremostrando como os celtas e romanos suavizaram os costumes nas curvas, nos remansos e no fundo requintado de seus leitos.*

*Nos seus destinos de fleuve ou de rivière, os rios passam, passam sem ter fim. Das suas margens secretas surge sempre alguma fada – Viviane, Morgane ou Mélusine. E há nos seus murmúrios o riso das mulheres que um dia perfumaram a barba de Merlin.*

Invoco outra vez o conceito blanchotiano de amizade como movimento para falar do chegar-partir do viajante, no mundo e nos tempos. O sujeito está em tensão – direi em extensão – entre

o lugar de origem e o fora, neste caso o estrangeiro. Veremos como acontece este movimento em quatro poemas:

8. “Lugares imaginários”, de *Sociologia Goiana*. O poeta evoca o rio da origem, o Araguaia:

*a curva do rio no remanso  
o barranco de sombras do Araguaia  
o poço das espumas*

Amplia o espaço da criação para o círculo dos amigos, sendo a amizade o agente desta ampliação:

*o espaço exíguo do escritório  
a chacara do Zézé  
a fazenda da Darcy  
o coração de JF*

A seguir, reencontramos a língua como vector principal do “partir”:

*[o tritongo do Urugay  
o dual de Portugal  
os ennes de Rennes  
o antes de Nantes  
o galego de Chicago  
o léxico de México  
as ancas de Salamanca]  
as aventúrias de Astúrias*

No fim, encontramos uma poética da eternidade, na rima em –ir, única rima deste poema:

*a cidade perdida na Amazônia  
a tribo perdida na linguagem  
talvez Pasárgada  
Shangri-la  
Ofir  
O ponto de chegar  
O de partir*

“Eterno retorno”, de *Plural de Nuvens*, trata da saudade, motor do “eterno retorno”. É a saudade das paisagens habitadas pela mãe e pelos amigos estrangeiros que estão nos interstícios das paisagens que lhes correspondem:

*Eterno retorno*

*Em Santiago de Compostela, curtindo  
a modormia de um quatro-estrelas,  
olhou enternecido o tecido da chuva  
e teve saudade do apartamento de Lisboa.*

*Em, Lisboa, gozando os íntimos instantes  
da temporada no céu do Lumiar,  
olhou vagamente as nuvens do Ocidente  
e teve saudade do apartamento do Brasil.*

*No Rio, perseguindo alguma ninfa  
na ilha do escritório refrigerado,  
olhou por muito tempo o risco do avião  
e teve saudade da casinha de Goiás.*

*Em Goiânia, voltando a ser menino  
e guardando bem fundo o carinho da mãe,  
olhou emocionado o caminho de Santiago  
e teve saudade do tempo em que estava  
vendo terras de Espanha, areias de Portugal.*

Está fechado o círculo do mito, na mitologia pessoal construída pelo poeta e que é, como veremos no último poema que citarei, fundamentada pelo movimento circular da roda da vida.

9. “Ruas”, de *Linear G*, maioritariamente composto de quadras que rimam ao evocar as diferentes moradas, “ruas” ocupadas pelo sujeito poético ao longo das suas andanças pelo mundo, enuncia-se “no coração da saudade”. A estrofe 14 evoca esse movimento do “chegar e partir”:

*Em Rennes, na Bretanha francesa,  
no Quai du roi Arthur,  
encontrou a sutileza  
de chegar, e partir.*

Este longo poema tem um intróito e um final que jogam, com uma terna ironia, com o trocadilho “morro” / “morou” / “mora”. Eis o intróito:

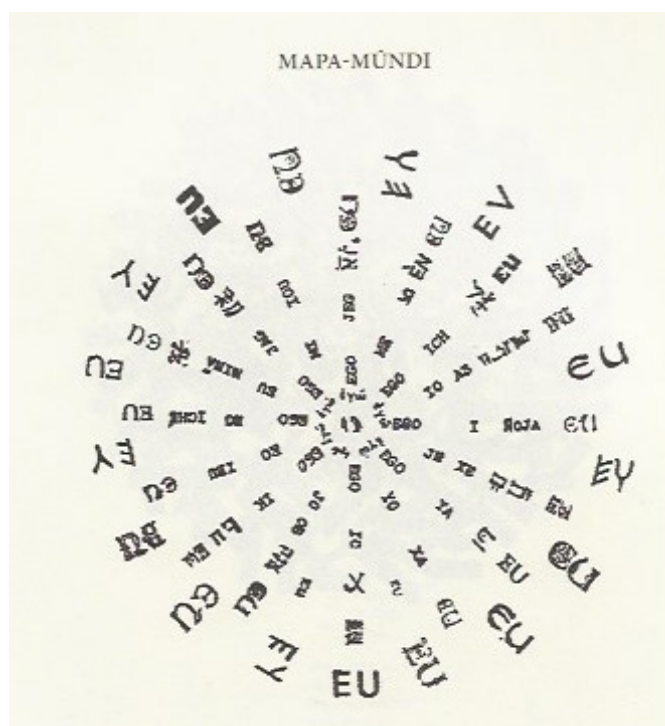


*Morro abaixo morro acima  
na subida e na descida  
vou sem rumo vou de rima  
pelas ruas desta vida.*

*E os dois versos do final:*

*Morou em tantas ruas que as moradas  
ficaram sendo as suas namoradas.*

- 10 “Mapa-Múndi”, poema visual de *Improvisuais*, desenha uma roda cujos raios enunciam a palavra “eu” em várias línguas e várias escritas. Queria dar a minha interpretação deste poema: o “eu” central enunciado pelos peixinhos da origem (do mundo e do sujeito poético que se revê nos rios de Goiás onde pescou desde a infância), ao entrar em contacto com a outridade representada pela pluralidade de línguas e de escritas, vai-se multiplicando, produto da ampliação do centro da roda do mundo e do seu movimento:



Já falei, em Goiânia, a propósito daquilo que chamo o “poema-mundo” de Gilberto Mendonça Teles<sup>2</sup>. Neste teia de relações profundamente humana, essencialmente humanista, o poema é trabalhado por aquele movimento que Blanchot chama amizade. Obrigada pela sua poesia, amigo Gilberto.

2 “Do poema do mundo ao poema-mundo na obra de Gilberto Mendonça Teles”. Conferência pronunciada no 24 de maio de 2015 na Academia de Letras de Goiás.